

SÃO COMO VERMES.

Que tipo de vermes?

*Como vermes, em todos os lugares.*

O menino é quem fala, diz as palavras ao meu ouvido. Eu sou a que pergunta. Vermes no corpo?

*Sim, no corpo.*

Vermes tipo minhocas?

*Não, outro tipo de vermes.*

Está escuro e não consigo enxergar. Os lençóis são ásperos, estão dobrados sob meu corpo. Não consigo me mexer, digo.

*Por causa dos vermes. É preciso ter paciência e esperar. E enquanto se espera é preciso encontrar o ponto exato em que nascem os vermes.*

Por quê?

*Porque é importante, é muito importante para todos.*

Tento concordar, mas meu corpo não responde.

*Que mais acontece no jardim da casa? Eu estou no jardim?*

Não, não está, mas Carla está, sua mãe. Eu a conheci uns dias atrás, quando tínhamos acabado de chegar na casa.

*O que Carla está fazendo?*

Terminou o café e deixou a xícara no gramado, perto da espreguiçadeira.

*Que mais?*

Ela levanta e se afasta. Esquece os chinelos, que ficam alguns metros mais para lá, nas escadas da piscina, mas não lhe digo nada.

*Por quê?*

Porque quero esperar para ver o que ela vai fazer.

*E o que ela faz?*

Pendura a bolsa no ombro e se afasta, no seu biquíni dourado, até o carro. Existe certa mútua fascinação entre nós duas, e em contraste, breves lapsos de repulsa, posso senti-los em situações muito específicas. Tem certeza de que é preciso comentar essas coisas? Temos tempo para isso?

*Os comentários são muito importantes. Estão no jardim por quê?*

Porque acabamos de voltar do lago e sua mãe não quer entrar na minha casa.

*Quer evitar problemas para você.*

Que tipo de problemas? Tenho que entrar e sair de vez em quando, primeiro por causa das limonadas, depois do protetor solar. Não acho que seja para me evitar problemas.

*Foram ao lago por quê?*

Queria que eu a ensinasse a dirigir, disse que sempre quis aprender, mas quando chegamos ao lago nenhuma das duas teve a paciência necessária.

*Agora está fazendo o que no jardim?*

Abriu a porta do meu carro, sentou ao volante e revirou um pouco a bolsa. Eu baixo minhas pernas da espreguiçadeira e aguardo. Faz calor demais. Depois Carla se cansa de revirar e agarra o volante com as duas mãos. Fica assim por um momento, olhando para o portão, ou talvez para a casa dela, muito além do portão.

*Que mais? Por que você está em silêncio?*

É que estou presa a esta história, eu a vejo perfeitamente, mas às vezes é difícil avançar. Será por causa do que as enfermeiras estão me injetando?

*Não.*

Mas eu vou morrer em poucas horas, é o que vai acontecer, não é? É estranho me sentir tão tranquila. Porque apesar de você não me dizer, eu já sei, e no entanto é uma coisa impossível de se dizer a si mesma.

*Nada disso é importante. Estamos perdendo tempo.*

Mas é verdade, não é? Que eu vou morrer.

*O que mais está acontecendo no jardim?*

Carla apoiou a testa no volante e seus ombros tremeram um pouco, começou a chorar. Acha que poderíamos estar perto do ponto exato em que nascem os vermes?

*Continue, não se esqueça dos detalhes.*

Carla não faz nenhum barulho mas consegue fazer com que eu me levante e vá até ela. Gostei dela desde o princípio, desde o dia em que a vi carregando os dois grandes baldes de plástico sob o sol, com seu grande coque ruivo e seu macacão jeans. Não tinha visto alguém usar um daqueles desde a adolescência, e fui eu que insisti com as limonadas e a convidei para tomar mate na manhã seguinte, e na seguinte, e na seguinte também. São esses os detalhes importantes?

*O ponto exato fica num detalhe, é preciso ser observador.*

Cruzo o jardim. Quando desvio da piscina, olho para a sala de jantar e percebo através da janela panorâmica que Nina, minha filha, continua adormecida, abraçada à sua toupeira de pelúcia. Entro no carro pelo lado do passageiro. Sento, porém deixo a porta aberta e abaixo o vidro da janela, porque faz muito calor. O grande coque de Carla está meio murcho, desmoronando para um lado. Encosta no assento consciente de que já estou ali, outra vez ao lado dela, e olha para mim.

“Se eu te contar”, diz, “não vai querer me ver mais.”

Penso no que falar, alguma coisa como “poxa, Carla, por favor, não seja ridícula”, só que em vez disso olho os dedos dos seus pés, tensos nos pedais, as pernas longas, os braços magros porém fortes. Fico perplexa que uma mulher dez anos mais velha que eu seja tão mais bonita.

“Se eu te contar”, diz, “não vai querer que ele brinque com a Nina.”

“Mas, Carla, por favor, como assim não vou querer.”

“Não vai querer, Amanda”, diz, e os olhos se enchem de lágrimas.

“Como se chama?”

“David.”

“É seu? É seu filho?”

Concorda. Esse filho é você, David.

*Eu sei, continue.*

Limpa as lágrimas com o nó dos dedos das mãos e suas pulseiras douradas tilintam. Eu nunca tinha visto você, mas quando comentei isso com o sr. Geser, o zelador da casa que alugamos, que andava encontrando com a Carla, na mesma hora ele perguntou se eu já tinha lhe conhecido. Carla disse:

“Era meu. Agora não é mais.”

Olhei para ela sem entender.

“Não me pertence mais.”

“Carla, um filho é para toda a vida.”

“Não, querida”, diz. Tem as unhas compridas e gesticula à altura dos meus olhos.

Então lembro dos cigarros do meu marido, abro o portafolhas e os dou para ela junto com o isqueiro. Praticamente arranca o maço das minhas mãos e o perfume do seu protetor solar passa também entre nós.

“Quando David nasceu era um sol.”

“Claro que sim”, digo, percebendo que agora tenho de ficar calada.

“Da primeira vez que me deram ele para segurar fiquei muito angustiada. Estava convencida de que lhe faltava um dedo”, ela segura o cigarro nos lábios, sorrindo com a lembrança, e o acende. “A enfermeira disse que às vezes isso acontece por causa da anestesia, que ficamos meio obcecadas, e até ter contado duas vezes os dez dedos das mãos não me convenci de que tudo estava bem. O que eu não faria agora para que só faltasse um dedo no David.”

“O que o David tem?”

“Mas ele era um sol, Amanda, estou te dizendo que era um sol. Sorria o dia inteiro. O que ele mais gostava era de ficar aqui fora. Ele se amarrava na praça, desde pequeno. Você percebeu que aqui não dá para andar de carrinho. No povoado, sim, mas daqui até a praça é preciso passar pelos sítios e pelas guaritas das estradas, e o barro é uma encrenca, mas ele gostava tanto que até fazer três anos eu tinha de carregá-lo, as doze quadras. Quando ele via o tobogã começava a gritar. Onde é que fica o cinzeiro deste carro?”

Fica debaixo do painel. Tiro o cinzeiro e o passo para ela.

“Então David adoeceu, com aquela idade, mais ou menos, faz uns seis anos. Foi uma época complicada. Eu tinha começado a trabalhar lá na granja do Sotomayor. Era a primeira vez na vida que eu trabalhava. Fazia a contabilidade, que de contabilidade na verdade não tinha nada. Vamos dizer que organizava a papelada e o ajudava a somar, mas isso me distraía. Andava pelo povoado resolvendo pendências, bem-vestida. É diferente para você que vem da capital, aqui para ter glamour é preciso uma desculpa, e essa era perfeita.”

“E o seu marido?”

“Omar criava cavalos. É isso mesmo que você está ouvindo. Ele era outra pessoa, o Omar.”

“Acho que o vi ontem quando saímos com Nina para caminhar. Passou com a caminhonete mas não devolveu o cumprimento.”

“Sim, esse é o Omar de agora”, diz Carla negando com a cabeça. “Quando o conheci, ele ainda sorria e criava cavalos de corrida. Ficavam do outro lado do povoado, depois do lago, mas quando engravidei tudo veio para cá. Essa aí era a casa dos meus velhos. Omar dizia que quando eu ficasse com ela a gente ia ser cheio da grana e reformaria tudo. Eu queria acarpetar o piso. Sim, uma loucura morando onde moro, mas como isso me deixava animada. Omar tinha duas éguas parideiras de luxo das quais nasceram Tristeza Cat e Camurça Fina, que foram vendidas e corriam, ainda correm, em Palermo e em San Isidro. Depois nasceram outras duas, e um potrinho, só que desses não lembro os nomes. Para ir bem nesse negócio é preciso ter um bom garanhão, e emprestaram o melhor para Omar. Ele cercou uma parte do terreno para as éguas, fez um curral atrás para os potros, plantou alfafa, e depois foi construindo o estábulo com mais tranquilidade. O acerto era que ele solicitaria o garanhão e o emprestariam por dois ou três dias. Quando os potros fossem vendidos, um quarto do dinheiro iria para o dono do garanhão. Isso é muito dinheiro, porque se o garanhão for bom e os potros forem bem cuidados, cada um pode ser vendido por um valor entre duzentos e duzentos e cinquenta mil pesos. Então a gente conseguiu aquele bendito cavalo. Omar o observava o dia inteiro, o seguia como um zumbi para contabilizar quantas vezes montava em cada égua. Antes de sair, me esperava voltar do serviço no Sotomayor, e daí era a minha vez, e eu só espiava de vez em quando da janela da cozinha, vai vendo. Foi aí que uma tarde eu estava lavando os pratos e percebi que fazia tempo que não via o garanhão. Vou até a outra janela, e até a outra, por onde dá para ver a parte dos fundos, e nada: lá estão as

éguas, mas nenhuma notícia do garanhão. Pego David no colo, ele que já dava seus primeiros passos e tentou me seguir pela casa esse tempo todo, e saio. Não tem muito o que fazer numa situação dessas, ou o cavalo está lá ou não está. Evidentemente, por alguma razão, tinha pulado a cerca. É difícil, mas às vezes acontece. Fui até o estábulo rezando a Deus para que estivesse por lá, mas não estava. Me ocorreu ir ao riacho, que é bem estreito mas fica no fundo de uma ribanceira, um cavalo bem que podia estar tomando água lá e não ser visto da casa. Lembro que David perguntou o que estava acontecendo, peguei ele no colo antes de sair da casa e ele continuou abraçado ao meu pescoço, sua voz entrecortada pelos passos que eu dava de um lado para o outro. ‘Talí, mamãe’, disse David. E lá estava o garanhão, bebendo água no riacho. Agora ele não me chama mais de mamãe. Descemos e David quis ficar no chão. Falei para ele não se aproximar do cavalo. E fui, com passinhos curtos, na direção do animal. Às vezes se afastava, mas tive paciência e com o tempo ele ganhou confiança. Consegui pegá-lo pelas rédeas. Que alívio, lembro perfeitamente que suspirei e falei em voz alta, ‘se eu perdesse você também ia perder a casa, seu desgraçado’. Tá vendo, Amanda, é parecido com aquilo do dedo que pensei que faltava no David. A gente fala ‘perder a casa seria a pior coisa de todas’, e depois acontecem coisas muito piores, pelas quais eu daria a casa e a vida para voltar àquele momento e soltar as rédeas daquele maldito animal.”

Escuto a porta de tela da sala de estar bater e viramos as duas para a minha casa. Nina está na porta, abraçada à sua toupeira. Está sonolenta, tão sonolenta que nem sequer parece se assustar por não ter nos visto em nenhum lugar. Dá alguns passos, agarra o corrimão sem soltar o bicho de pelúcia e se concentra em descer os três degraus do corredor, até pisar o gramado. Carla volta a se encostar no assento e a observa pelo

espelho retrovisor, em silêncio. Nina olha os próprios pés. Está fazendo aquela coisa nova que anda fazendo desde que chegamos aqui, aquilo de arrancar a grama esticando e fechando os dedos dos pés.

“David se agachou no riacho, seus sapatos estavam encharcados, enfiou as mãos na água e lambeu os dedos. Então vi o pássaro morto. Estava bem perto, a um passo do David. Gritei com ele assustada, e ele também se assustou, levantando logo em seguida e caindo para trás com o susto. Meu pobre David. Cheguei mais perto, puxando o cavalo, que relinchava e não queria me seguir, e não sei como fiz para carregá-lo com uma só mão e lutar com ambos para subirmos a ribanceira. Não contei nada disso ao Omar. Para quê? A cagada já estava feita e refeita. Só que no dia seguinte o cavalo amanheceu arriado. ‘Não está aqui’, disse Omar, ‘fugiu’, e eu quase disse ao Omar que já tinha escapado uma vez, mas ele o encontrou deitado no pasto. ‘Merda’, disse. As pálpebras do garanhão estavam tão inchadas que não dava para ver os olhos. O beijo, os buracos do nariz, a boca inteira estavam tão inchados que parecia outro animal, uma monstruosidade. Ele mal tinha forças para gemer e Omar disse que seu coração batia como uma locomotiva. Mandou chamar o veterinário com urgência, alguns vizinhos apareceram, todo mundo preocupado correndo de lá para cá, já eu voltei desesperada para casa, peguei David, que ainda dormia no berço, e me tranquei no quarto, na cama com ele nos braços para rezar. Rezar como uma louca, rezar como nunca havia rezado na minha vida. Você deve estar pensando por que não corri para o pronto-socorro em vez de me trancar no quarto, mas às vezes não dá tempo de se confirmar o desastre. O que quer que o cavalo tivesse tomado, meu David tinha tomado também, e se o cavalo estava morrendo não haveria chances para ele. Soube disso com toda clareza, porque eu já havia escutado e

visto coisas demais neste povoado: restavam poucas horas, talvez minutos, para encontrar uma solução que não fosse esperar meia hora por um médico rural que nem sequer chegaria a tempo no pronto-socorro. Precisava de alguém que salvasse a vida do meu filho, a qualquer custo.”

Espio Nina outra vez, que agora dá uns passos na direção da piscina.

“É que às vezes nem todos os olhos são suficientes, Amanda. Não sei como não vi, por que diabos estava preocupada com a porra de um cavalo em vez de me preocupar com meu filho.”

Me pergunto se poderia acontecer comigo o mesmo que aconteceu com Carla. Sempre penso no pior cenário. Agora mesmo estou calculando o quanto demoraria para sair correndo do carro e alcançar Nina se ela de repente corresse até a piscina e se jogasse. Chamo isso de “distância de resgate”, chamo assim a distância variável que me separa da minha filha e passo metade do dia calculando isso, apesar de sempre arriscar mais do que deveria.

“Quando decidi o que fazer, não dava para voltar atrás, quanto mais eu pensava, mais me parecia a única saída possível. Peguei David no colo, que chorava, acho que por causa da minha própria angústia, e saí de casa. Omar discutia com dois caras em volta do cavalo e punha a mão na cabeça de tanto em tanto. Outros dois vizinhos observavam lá do terreno dos fundos e às vezes se metiam na conversa, opinando aos gritos de um terreno para o outro. Fui embora sem que percebessem. Saí para a rua”, disse Carla, apontando para o final do meu jardim, detrás do portão, “e fui para a casa verde.”

“Que casa verde?”

A última cinza do cigarro lhe cai entre os seios e ela a sacode, soprando de leve, depois suspira. Vou ter de limpar o carro porque meu marido é muito chato com essas coisas.

“O pessoal que mora aqui vai lá de vez em quando, pois sabemos que esses médicos que nos chamam lá da salinha só aparecem várias horas depois, e não sabem nem podem fazer nada vezes nada. Se é grave, vamos até a ‘mulher da casa verde’”, diz Carla.

Nina deixa sua toupeira na minha espreguiçadeira, em cima da toalha. Dá alguns passos em direção à piscina e me emper-tigo em posição de alerta no banco. Carla também olha, mas para ela a situação não parece apresentar nenhum perigo. Nina se agacha, senta na beirada e mete os pés na água.

“Não é uma vidente, ela sempre deixa isso bem claro, mas consegue ver a energia das pessoas, diz que consegue ler.”

“Como assim consegue ‘ler’?”

“Consegue saber se alguém está doente e em qual parte do corpo está a energia negativa. Cura dor de cabeça, náuseas, úl-ceras de pele e vômitos com sangue. Se chegarem a tempo, in-terrompe os abortos espontâneos.”

“Acontecem tantos abortos espontâneos assim?”

“Ela diz que tudo é energia.”

“Minha avó sempre dizia isso.”

“O que ela faz é detectar a energia, deter se for negativa, ca-nalizar se for positiva. Ela é muito consultada aqui no povoa-do, e às vezes vem gente até de fora. Os filhos moram na casa dos fundos. São sete filhos, todos homens. Cuidam da mãe e de tudo o que ela precisa, mas dizem que nunca entram na casa. Quer ir na água com a Nina?”

“Não, não se preocupe.”

“Nina!”, Carla a chama e só então Nina nos vê no carro.

Nina sorri, tem um sorriso divino com covinhas, e franze o nariz um pouco. Ela se levanta, pega sua toupeira na espregui-çadeira e corre em nossa direção. Carla se estica para trás para abrir a porta traseira para ela. Movimenta-se no assento do

motorista com tanta naturalidade que parece difícil acreditar que tenha entrado neste carro hoje pela primeira vez.

“Olha, eu preciso fumar, Amanda, desculpa pela Nina mas não posso terminar isso sem dar outra tragada.”

Faço um gesto despreocupado e lhe passo outra vez o maço.

“Solta a fumaça para fora”, digo, enquanto Nina sobe no assento.

“Mami.”

“Que foi, gordinha?”, diz Carla, mas Nina a ignora.

“Mami, quando é que a gente vai abrir a caixinha de pirulitos?”

Treinada pelo pai, Nina se senta e põe o cinto de segurança.

“Daqui a pouquinho.”

“O.k.”, diz Nina.

“O.k.”, diz Carla, e só então percebo que no seu relato não resta mais nada daquele drama todo de antes de ela começar a contar a história. Não chora mais, nem apoia a cabeça no volante. Conta a história sem se incomodar com as interrupções, como se tivesse todo o tempo do mundo e apreciasse voltar àquele passado. Eu me pergunto, David, se você pode mesmo ter mudado tanto, se contar tudo outra vez não devolve momentaneamente a Carla aquele outro filho de quem ela diz sentir tanta falta.

“Quando a mulher abriu para mim, passei o David para os braços dela. Só que além de esotéricas essas pessoas são bastante sensatas, então ela botou David no chão, me deu um copo d’água e não aceitou começar a consulta até eu me acalmar. A água me devolveu um pouco da alma ao corpo, e é verdade que por um momento achei que meus medos podiam ser uma loucura, pensei em outras possibilidades pelas quais o cavalo podia ter adoecido. A mulher olhou fixamente para o David, que se distraía enfileirando uns enfeites em miniatura que havia em

cima da mesa da televisão. Ela se aproximou e brincou um pouco com ele. Estudou-o com atenção, dissimuladamente, às vezes apoiando uma das mãos no ombro dele, ou segurando seu queixo para olhar bem nos olhos. ‘O cavalo já morreu’, disse a mulher, e eu ainda não tinha falado nada sobre o cavalo, juro. Falou que ainda restavam algumas horas para o David, talvez um dia, mas que logo ele teria insuficiência respiratória. ‘É uma intoxicação’, disse, ‘vai atacar o coração dele.’ Fiquei olhando para ela, nem sequer me lembro quanto tempo fiquei assim, gelada, sem conseguir dizer nada. Então a mulher falou algo terrível. Algo pior do que dizer como o seu filho vai morrer.”

“Que foi que ela disse?”, perguntou Nina.

“Anda, pode abrir os pirulitos”, falei para ela.

Nina tira o cinto, pega a toupeira e corre em direção à casa.

“Falou que o corpo de David não resistiria à intoxicação, que morreria, mas que poderíamos tentar uma migração.”

“Uma migração?”

Carla apagou o cigarro sem terminá-lo e deixou seu braço esticado, quase pendendo do corpo, como se toda aquela conversa de fumar a tivesse deixado completamente exausta.

“Se mudássemos a tempo o espírito de David para outro corpo, parte da intoxicação também iria com ele. Havia chance de superá-la se fosse dividida em dois corpos. Não era certeza, mas podia ser que funcionasse.”

“Como podia ser que funcionasse? Já tinham feito isso outras vezes?”

“Era a única maneira que existia de preservar o David. A mulher trouxe um chá para mim, disse que se bebesse devagarinho me acalmaria, mas bebi em dois goles. Não podia nem sequer entender o que estava escutando. Minha cabeça era uma confusão de culpa e terror e meu corpo inteiro tremia.”

“Mas você acredita nessas coisas?”

“Então David tropeçou, ou melhor dizendo, achei que ele havia tropeçado, e demorou para levantar. Eu o vi de costas com sua camiseta de soldadinho preferida, tentando coordenar os braços para se erguer. Foi um movimento atrapalhado e inútil, que me lembrou os que ele estava tentando alguns meses antes, quando ainda aprendia a se levantar sozinho. Era um esforço do qual já não precisava, e entendi que o pesadelo estava começando. Quando virou para mim tinha a testa enrugada e um gestual estranho, como se sentisse dor. Corri até ele e o abracei. Abracei com tanta força, Amanda, mas tanta força que me pareceu impossível que algo ou alguém no mundo pudesse tirá-lo de minhas mãos. Escutei sua respiração, bem próxima de meu ouvido, um pouco agitada. A mulher nos separou com um movimento suave mas firme. David ficou encostado no espaldar da poltrona, e começou a esfregar os olhos e a boca. ‘Temos que fazer agora’, disse a mulher. Perguntei a ela para onde David iria, a alma de David, se podíamos mantê-lo por perto, se podíamos escolher uma boa família para ele.”

“Não sei se estou entendendo, Carla.”

“É claro que está entendendo, Amanda, está entendendo perfeitamente.”

Quero dizer para Carla que tudo aquilo é uma barbaridade enorme.

*Essa é a sua opinião. Isso não é importante.*

É que não posso acreditar numa história dessas, e em qual momento dela seria apropriado se indignar?

“A mulher disse que não poderia escolher uma família”, disse Carla, “não dava para saber aonde ele ia parar. Também falou que a migração teria suas consequências. Não existe lugar num corpo para dois espíritos e não existe um corpo sem espírito. A transmigração levaria o espírito de David para um corpo saudável, mas também traria um espírito desconhecido ao corpo